

TEMPO BRASILEIRO E NOVOS ESTUDOS NOS ANOS 80

*Maria Lucia de Barros Camargo*¹

Não é por acaso que muitos estudiosos já se debruçaram sobre as páginas deste material heterogêneo, algumas vezes precário, perecível, descartável e descartado, e quase sempre tão efêmero, que podemos reunir sob o amplo e eclético título de periódicos culturais. As revistas literárias e culturais, sejam elas mais, ou menos, especializadas — e os suplementos de jornais são publicações periódicas que constituem rica fonte de pesquisa para a história cultural e literária de um dado período e sociedade².

Na última década, duas revistas podem ser consideradas importantes e reveladoras para a compreensão de nossa história cultural e literária contemporânea: *Tempo Brasileiro* e *Novos Estudos*. Embora a análise cuidadosa dos textos que nelas circularam ainda não tenha sido empreendida, alguns dados já nos permitem iniciar uma reflexão e apontar para possíveis leituras³. É o que pretendo neste artigo.

Inicialmente, é preciso dizer que estes dois periódicos não são "revistas literárias" em sentido estrito: não veiculam matéria exclusivamente literária; também não se constituem em veículo de exteriorização de princípios poéticos e estéticos de um determinado grupo, nem de divulgação de determinado tipo de produção literária, como o faziam, por exemplo, as revistas dos grupos de vanguarda. Se aceitarmos ainda que as "revistas literárias" têm, geralmente, algumas características comuns⁴, como existência efêmera, tiragens reduzidas, escassez de recursos econômicos e dificuldades de distribuição aos leitores potenciais, verifica-se facilmente que as revistas de que tratamos não se enquadram nesta conceituação. Suas existências nada têm de efemeridade e as tiragens não são propriamente reduzidas: há números com segunda

¹ Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada. Professora da UFSC. Coordenadora do Núcleo de Estudos Literários e Culturais – NELIC.

² A título de exemplo, cabe lembrar aqui, dentre outros, os vários estudos desenvolvidos no IEB/USP sobre revistas literárias modernistas e pré-modernistas, ou as pesquisas em andamento, na PUC-RS, sobre as revistas da Editora Globo de Porto Alegre.

³ Os dados que apresento partem da indexação de todos os artigos publicados pelas duas revistas na década de 80, realizada sob minha orientação: COMINETTI, Rosa Maria. Dez anos em revista: *Tempo Brasileiro* e *Novos Estudos*. Dissertação de mestrado. UFSC, 1996.

⁴ Cf. OTERO, José M. 30 años de revistas literarias argentinas. Buenos Aires: Catedral al Sur Editores, 1990.

edição após o esgotamento da primeira e há outros com tiragens razoavelmente altas para os padrões brasileiros. Só a título de exemplo, lembramos que a *Novos Estudos* atingia, no final dos anos 80, tiragens entre 3.000 e 3.500 exemplares e quase todos os números iniciais estavam esgotados. Obviamente há recursos para manutenção, inclusive públicos e oficiais, como financiamentos da FAPESP e do CNPq, e seus leitores não têm dificuldades de encontrá-las graças à distribuição nas livrarias de todo o país.

As revistas *Tempo Brasileiro* e *Novos Estudos* poderiam talvez ser mais bem definidas como dois "periódicos culturais" que possuem características em comum, apesar das grandes diferenças: ambas têm entre seus dirigentes e colaboradores figuras expressivas tanto no campo intelectual, como na vida política brasileira dos últimos trinta anos. Estão sediadas nos dois maiores centros urbanos e pólos culturais brasileiros, respectivamente Rio de Janeiro e São Paulo, mantiveram-se em circulação durante toda a última década e continuam sendo, ainda hoje, regularmente publicadas, com saudável estabilidade. Ambas são revistas "acadêmicas", isto é, produzidas por e destinadas a um determinado e seletivo público, de extração nitidamente universitária, embora não sejam revistas oficialmente universitárias. Talvez se possa caracterizá-las como revistas "para-universitárias". Aliás, no caso da *Novos Estudos*, a história do próprio CEBRAP, a que a revista está intrinsecamente ligada, não deixa margem a dúvidas. Como lembra José Arthur Giannotti — um dos diretores daquele centro, colaborador assíduo da revista e membro de seu conselho editorial — o CEBRAP "nasce duma vontade de resistência e duma estratégia para preservar aquilo que já éramos: intelectuais por vocação. Todo esforço foi orientado no sentido de preservar o espírito da vida acadêmica fora dos muros da universidade" ⁵.

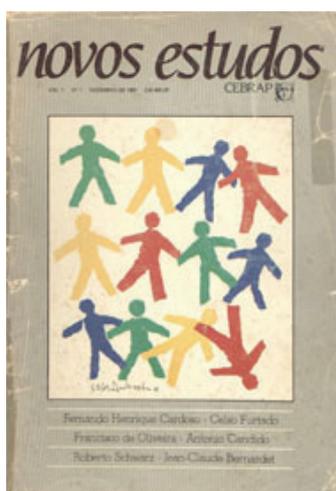
A revista *Tempo Brasileiro*, que se auto-define como "revista de cultura", é bem mais antiga do que *Novos Estudos*, pois vem sendo publicada desde setembro de 1962, sempre sob a direção de Eduardo Portella. *Tempo Brasileiro* nasceu no período complexo da história brasileira que antecedeu o golpe militar de 1964, pelo qual a revista passou, aparentemente, sem maiores problemas a



⁵ "CEBRAP, vinte anos depois" In: *Novos Estudos* — CEBRAP, n. 25, outubro de 1989, p. 3-4.

não ser uma breve interrupção naquele mesmo ano. Ao retomar sua periodicidade, o editorial do número 7 (1965) comenta: "Como dizíamos ontem: a nossa revista teve a sua caminhada perturbada pelas contingências sombrias de abril. Ao optar por uma compreensão aberta e livre dos seres e do mundo, assumimos logo um compromisso de luta que se rege por tábuas de valores que nada possui de dogmática ou sectária" ⁶.

A *Novos Estudos*, por outro lado, surge quase vinte anos depois, em dezembro de 1981, quando a ditadura militar já estava próxima do fim e será um dos principais veículos de divulgação das idéias e dos estudos do grupo de intelectuais que constitui o CEBRAP. Quando do lançamento da revista, o CEBRAP era presidido por Fernando Henrique Cardoso, à época um firme opositor do governo militar. Ironicamente, o senador Eduardo Portella, então e eterno diretor da *Tempo Brasileiro*, fazia parte do governo do General Figueiredo, tendo sido seu Ministro da Educação até fins de 1980. Hoje, o diretor da *Tempo Brasileiro* é também diretor da Biblioteca Nacional, cargo de confiança do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso. Duas revistas, dois lados da mesma moeda.



Ao ser lançada em substituição aos Cadernos do CEBRAP, *Novos Estudos* tinha periodicidade trimestral e características gráficas que a tornavam bastante distinta de *Tempo Brasileiro*. Enquanto esta se manteve, ao longo de seus mais de 30 anos, com mínimas alterações gráficas — capa e páginas de rosto — preservando, ao longo destes anos, o mesmo formato e tipo de capa já bastante conhecido e muito próximo ao formato de um livro, *Novos Estudos* surge com capas ilustradas, coloridas e vistosas, formato 18x26cm. Em cerca de 80 páginas divididas em

duas colunas e, mais especialmente nos primeiros números, muitas ilustrações internas, que variavam de molduras sugestivas dos textos a fotos, desenhos, charges e caricaturas assinadas por artistas plásticos e cartunistas de projeção. Os títulos dos artigos eram dispostos em letras grandes, com formatação variada e criativa. Pode-se dizer que, visualmente, *Novos Estudos* surgia para atrair também um leitor habituado aos chamamentos da imagem, ampliando seu público potencial. Público que certamente poderia freqüentar o misto de galeria de arte, livraria e restaurante Spazio Pirandelo, que

⁶ Editorial. *Tempo Brasileiro*. n. 7, p. 3-4.

desfrutou de pequeno espaço publicitário num dos primeiros números da revista e era um "Cult" da intelectualidade paulista de esquerda na época. Por outro lado, sem possuir sessões fixas, nem ilustrações, a "cara de livro" fica ainda mais acentuada pelo caráter monotemático que a *Tempo Brasileiro* passa a ter a partir do número duplo 15/16, dedicado ao estruturalismo e publicado em 1967.

Mesmo com os vinte anos que separam o lançamento das duas revistas, é interessante observarmos os editoriais de apresentação de ambas. Segundo o "Ponto de Partida", editorial da revista *Tempo Brasileiro* em seu primeiro número, de setembro de 1962,

A função de *Tempo Brasileiro* é pensar a realidade brasileira. E como essa realidade é dinamicamente, procuraremos sempre ser fiéis a essa dinamicidade. Por isto não vacilaremos nunca em fazer a nossa autocrítica, em promover nossa própria revisão. Não nos desejamos institucionalizados. [...] *Tempo Brasileiro* é um esforço coletivo que se faz no sentido de trazer uma reflexão objetiva, isenta, conseqüente, sobre e para o desenvolvimento brasileiro. Não se trata de mais uma revista. Trata-se de um órgão de militância, intransigentemente comprometido com a condição humana e a causa Brasil. [...] *Tempo Brasileiro* não é apenas uma revista, é uma convocação. [...] O Brasil somente será solucionado da perspectiva do Brasil. É nossa esta verdadeira opção: Brasil e anti-Brasil. O problema se coloca assim. Mas esse nacionalismo, que deve ser uma frente de defesa, de combate, não pode ser um limite. Para que ele seja força propulsora de uma ação é necessário que seja promovida imediatamente a sua desintelectualização. Somente criaremos um estilo Brasil, um pensamento, uma ação legítimas, se soubermos apoiar-nos em nossas condicionamentos circunstanciais verdadeiros. É esse nosso compromisso. É a esta causa que *Tempo Brasileiro* se propõe a servir. Ela diz respeito a nossa necessidade ⁷.

Sob o título "Amor sem uso", a apresentação da *Novos Estudos* feita por Roberto Schwarz na abertura do número inaugural (dezembro de 1981) não deixa dúvidas quanto a seus propósitos, alcance e motivações:

Enfim, é até possível que neste mesmo momento, em que nos queixamos, os elementos necessários a uma verdadeira cultura nacional estejam reunidos entre nós: uma reflexão numerosa, realista, diversificada nos gêneros e nas experiências, espalhada pelo território e pelas classes sociais e resolutamente crítica. As ocasiões e, sobretudo, os hábitos de confronto é que estão fazendo falta. Em parte e causa deste isolamento social dos estudos esteve na ditadura. [...] Contudo, e contrariamente ao que seria de esperar, a massa e o valor da reflexão social de lá para cá não pararam de crescer. [...] Entretanto, não foi só a ditadura que separou os intelectuais do movimento popular. O próprio crescimento do capitalismo, de que aquela foi parte, fez outro tanto. A multiplicação das instituições acadêmicas e dos mídias, que acompanhou este crescimento, absorveu a faixa mais competente da intelectualidade [...]. Onde a ditadura "apenas" cortava e interrompia, a expansão capitalista

⁷ *Tempo Brasileiro*, n. 1, p. 3.

alterava as perspectivas. Assim, apesar de alguma prosperidade, também aqui a insatisfação é grande. A dose de baixeza que se tornou rotina na universidade de agora e nos mídia, sem falar na degradação de profissões liberais inteiras, do ensino secundário e da administração pública, chama à revolta. [...] aponta para a luta social como a única — não há nenhuma outra — chance de regeneração. Uma produção intelectual grande, importante, dispersa, desejosa de participação, e descontente com a participação que lhe deram. A situação é péssima. Excelente para fazer uma revista.⁸

Se "globalização" é o conceito do momento — para o bem e para o mal, dependendo de quem o enuncie — neste passado bastante recente a defesa do nacional se fazia clara. É curioso observar que ambas as revistas se propõem à militância "em prol do Brasil", mas a partir de perspectivas bastante divergentes e não apenas distantes no tempo: pode-se dizer que estavam em lugares opostos e que a *Novos Estudos* surge para combater o tipo de nacionalismo e a visão do papel do intelectual defendido na *Tempo Brasileiro*.

Na voz de Roberto Schwarz, as críticas ao governo militar e ao capitalismo são evidentes demais e, de algum modo, respondem às próprias motivações que levaram à criação do CEBRAP: resistir à ditadura e preservar o espaço para a produção intelectual-acadêmica, propiciando o debate. Debate que efetivamente vai ocorrer nas páginas da *Novos Estudos*, tanto em relação a momentos importantes para a vida do país ao longo da década, como em relação ao debate intelectual travado nacional e internacionalmente. A título de exemplo, podemos lembrar a publicação dos artigos de Antonio Kandir e Paul Singer; no mesmo número 15 da revista, datado de julho de 1986, e respectivamente a favor e consta o "choque heterodoxo" na economia, empreendido no início daquele mesmo ano pelo "Plano Cruzado". Sinais dos tempos que chegariam menos de dez anos depois, com alguns "cebrapianos" exercendo o poder, e nele pretendendo manter-se por muito tempo, para garantir a hegemonia do pensamento neoliberal e o projeto capitalista de globalização da economia⁹. Estaremos hoje muito distantes daquela "péssima situação, excelente para fazer uma revista"?

A partir do número 18, de setembro de 1987, embora mantenha o mesmo tamanho, a *Novos Estudos* mudará bastante de aparência: as capas coloridas e chamativas dão lugar à predominância do acinzentado, as páginas não mais se dividem em colunas e os títulos dos artigos recebem única e discreta padronização. Quanto às

⁸ *Novos Estudos* — CEBRAP, v. 1, n. 1, dezembro de 1981, p. 3. Os grifos são meus.

⁹ Nas páginas de *Novos Estudos* encontramos, com alguma frequência, alguns colaboradores cujos nomes dispensam comentários: Antonio Kandir, Luiz Carlos Bresser Pereira, José Serra, além do assíduo colaborador Fernando Henrique Cardoso.

ilustrações, quando não desaparecem de todo, mudam inteiramente de função: deixam de ser um elemento incorporado ao texto, atrativo, muitas vezes crítico e com boa dose de humor, para tornar-se apenas o material iconográfico exigido pela natureza da matéria veiculada, como, por exemplo, nos textos que tratam de artes plásticas, de cinema ou de arquitetura.

Voltemos agora nosso olhar para as matérias veiculadas nas duas revistas, bem como para seus colaboradores. Cada uma das duas revistas possui um corpo de colaboradores bastante definido, com pouquíssimas intersecções. Dito de outro modo: quem publica artigos na *Tempo Brasileiro* não o faz na *Novos Estudos* e vice-versa, salvo as raríssimas exceções que confirmam a regra: Roberto da Matta, Flora Süssekind, Haroldo de Campos, Rubens Rodrigues Torres Filho e José Guilherme Merquior. O caso de Merquior é exemplar: com quatro ensaios publicados na *Tempo Brasileiro*, sua única colaboração na *Novos Estudos* é uma "resposta a Giannotti". O assumidamente liberal Merquior não escrevia na revista dos então intelectuais de esquerda. Por outro lado, Antonio Candido, que participa da *Novos Estudos* com quatro ensaios, nada publicaria *Tempo Brasileiro* neste período, apesar de ter sido citado 22 vezes, enquanto na *Novos Estudos* é citado 24 vezes ¹⁰.

Os corpos de colaboradores, especialmente se observarmos os mais assíduos em cada uma das duas revistas, constituem campos de atuação, de influências e de legitimação bastante definidos, com predominância de grupos ideológica e institucionalmente nítidos, representados, regionalmente, por São Paulo e Rio de Janeiro, na esfera acadêmica por USP e UFRJ, e, em cada uma delas e a grosso modo, respectivamente pelo socialismo e pelo liberalismo.

Entre janeiro de 1980 e dezembro de 1989, período que enfoco neste trabalho, vieram a público 40 números da *Tempo Brasileiro*, todos monotemáticos e nos quais a literatura tem forte presença, sendo que 12 lhe são integralmente dedicados, num enfoque predominantemente teórico. É curioso observar que todos os números publicados no ano de 1980 tratam exclusivamente do literário — enquanto nos quatro números publicados em 1989, a literatura, como tema e motivo, quando não está totalmente excluída, aparece apenas de forma marginal. Nestes 40 números da década, foram veiculados 366 "textos", dentre os quais 56 resenhas, desigualmente distribuídas nos únicos seis números que trazem a rubrica *recensões*. E digo desigualmente em

¹⁰ A título de curiosidade: Merquior recebe 13 citações na *Tempo Brasileiro* e apenas 5 na *Novos Estudos*.

vários sentidos: variam, de um número para outro, tanto a quantidade como o tipo de obras resenhadas e repete-se, nesta rubrica, a tendência detectada para o conjunto da revista: no início da década, a presença do literário e da própria seção de resenhas é nitidamente maior. Este ponto parece constituir-se num sintoma de nossos tempos e pode ser observado também em outros periódicos.

Quanto à publicação de textos literários em sentido estrito, pode-se dizer que o espaço para a produção criativa praticamente inexistente na *Tempo Brasileiro*, coerentemente, é certo, com uma revista que se define como voltada ao estudo e a pesquisa, conforme se lê no editorial do número 71, que avalia a própria revista: "como periódico voltado para o estudo e a pesquisa possibilitou a publicação de trabalhos de autores nacionais e estrangeiros e, sobretudo se sobressaiu como veículo do pensamento de novos valores voltados para a realidade brasileira" ¹¹.

Tal coerência pressupõe, obviamente, um conceito de literário que o distingue frontalmente da produção ensaística, o que dá margem a outro tipo de análise e de discussão. Já o contrário se vê na *Novos Estudos*, que, mesmo ostentando a palavra "estudos" em seu título e sendo o veículo de publicação de um centro de pesquisas na área social, mantém não só espaços para poemas e narrativas, como também o cede a autores novos, ainda não "consagrados" à época, como é o caso de Chico Alvim, Cacaso, Vilma Arêas, Adélia Prado, Augusto Massi, e outros que habitam a revista ao lado de nomes canônicos, como Mário de Andrade, Kafka, Brecht.

Coerentemente com as atividades de pesquisa desenvolvidas no CEBRAP e com o perfil acadêmico de seus integrantes, não surpreende que, na *Novos Estudos*, tenham predomínio os textos de conteúdos políticos, econômicos e sociológicos dentre os 346 textos que circularam nos 25 números publicados ao longo dos anos 80. É curioso observar, no entanto, que estão publicados poemas de 17 poetas além de 16 contos. O predomínio de assuntos extra-literários na *Novos Estudos* não quer dizer que, dentre os ensaios, a abordagem de questões estéticas e literárias não se façam presentes. Muito pelo contrário: os ensaios literários são freqüentes e aparecem em quase todos os números da década. Além disso, a revista publicou as primeiras traduções brasileiras de textos importantes para o debate contemporâneo. Cito alguns: de Perry Anderson, "Modernidade e revolução"; de Peter Bürger, "O declínio da era moderna"; de Jürgen Habermas, vários textos, dentre os quais em "Arquitetura moderna e pós-moderna"; e de

¹¹ *Tempo Brasileiro*, n. 71, p. 91.

Fredric Jameson, "Pós-modernidade e sociedade de consumo". Aliás, a questão dos textos traduzidos marca uma grande diferença entre as duas revistas: enquanto a *Tempo Brasileiro* publica, nos anos 80, apenas seis artigos traduzidos, encontramos onze vezes mais na *Novos Estudos*, ou, sendo mais exata, sessenta e oito traduções. Obviamente este dado confirma, de um lado, a perspectiva nacionalista que marca o surgimento da *Tempo Brasileiro*, enquanto, de outro lado, vamos encontrar a visão mais cosmopolita e internacionalizante da *Novos Estudos*, que não deixa de estar em sintonia com a própria abertura econômica e de mercado que viveremos na década de 90. Mais um ponto a ser aprofundado, como todos os outros aqui levantados.

Como o leitor já percebeu, os dados que aqui apresento não passam disso: são dados, apenas apresentados e ainda grosseiramente tratados. Mas que revelam o potencial para os desdobramentos da leitura que apenas se inicia.